



# JORNAL DA FEDERAÇÃO

Publicação da Federação das Associações dos Empregados da Embrapa

Brasília, DF, julho de 2002 - Ano 16 - nº 72

## II Embrapa Brasil

página 5

Os outros  
escravos

página 3

## O efeito estufa e o Brasil

página 6

Editorial

(P2)



*Nossa  
gente*

"A Embrapa está  
consolidada, e suas  
realizações são maiores  
que o próprio nome".

Agora é p'ra valer. A construção do  
Ginásio de Esportes da Sede já começou

(P4)

Cantinho da Poesia e da Música

(P7)

*Nossa gente deste  
mês destaca o colega  
José Carlos Fazza, da  
Embrapa Gado de  
Leite, em Juiz de  
Fora, MG. Está na  
empresa há 27 anos.*

Lição canina /

(P5)

Turma da folha de pagamento da Sede (P8)



# Editorial

A notícia esperada pela comunidade embrapiana no momento, principalmente daqueles ligados às ações sociais e esportivas, é aquela relacionada ao II Embrapa Brasil, que será realizado em Salvador, BA, de 15 a 20 de setembro próximo.

O processo de organização do II Embrapa Brasil está em andamento. Está sendo ultimado os preparativos básicos, o que nos permite considerá-lo um fato ou uma realidade futura. Abstraindo desse encontro, um novo acontecimento relacionado às ações sociais e desportivas dos embrapianos merece destaque na mesma intensidade. Trata-se da construção do ginásio de esportes da sede da Embrapa. Como não poderia ser diferente, expressamos nossa satisfação em ver iniciada a sua construção que era um sonho há muito tempo acalentado pelos empregados. Poderia até ser batizado de "ginásio de funções múltiplas", pois já antevemos a diversidade de utilização que propiciará.

Este ano tem sido muito promissor para a FAEE. Além do cumprimento do seu papel institucional, as possibilidades para dilatar o seu campo de ação, notadamente as atividades mercantis no ramo de seguro, são muito animadoras. A expansão das atividades da FAEE, também implicará em maior envolvimento das AEEs, principalmente nas questões relacionadas com as parcerias mantidas com a Embrapa. Os acontecimentos sinalizam novos desafios para breve, para os quais não prescindiremos da participação de todas as nossas associações do colegiado.

Continuamos apostando no futuro com muita determinação. Futuro este que é construído por nós a cada dia que passa.

**Ismael Ferreira Graciano**  
Presidente da FAEE

## Planejamento

"Planejar não diz respeito às ações do futuro, mas ao impacto futuro das ações do presente"

(Peter Drucker)

### Água para o coração

Analisando a saúde de mais de 20 mil voluntários, médicos nos EUA constataram que beber água reduz o risco de infarto. A pesquisa, divulgada na revista "American Journal of Epidemiology", registrou uma diminuição de 54% do risco entre homens e de 41% entre mulheres que tomam mais de cinco copos de água por dia. Sucos e outros líquidos não causam o mesmo efeito.

## Expediente

### FAEE - Federação das Associações dos Empregados da Embrapa

<p><b>Diretoria</b>  <b>Presidente:</b> Ismael Ferreira Graciano  <b>Vice-Presidente:</b> Maria do Rosário de Moraes  <b>Diretores:</b> Emídio Casagrande, Nicola Radica e Alba Mary da Silva</p> <p><b>Conselho Fiscal</b>  <b>Titulares:</b> Edgard de M. Sarmiento Neto (AEE/Sergipe), Ana Adelaide Barcelos (AEE/Bagé) e Wilson Sant'Anna de Araújo (AEE/SNLCS)  <b>Suplentes:</b> Jânio Barbosa Moreira (AEE/CNPA) e Joffre Kouri (AEE/Amapá) e Edinaldo Santos (AEE/Amazonas)</p> <p><b>Presidentes AEEs:</b>  <b>AEE/DF</b> - Manoel Pessoa Filho  <b>AEE/CNPH</b> - Márcia Regina Parente  <b>AEE/CPAC</b> - José da Rocha Ribeiro  <b>AEE/CENARGEN</b> - Nilson Alves Carrijo  <b>AEE/GO-CNPAF</b> - Abidon Teodorico dos Santos</p>	<p><b>AEE/CNPGC</b> - Paulino Gauna Gomes  <b>AEE/CPAP</b> - Miguel Ageu de Faria Gonçalves  <b>AEE/Dourados</b> - João Ronaldo Novachinski  <b>AEE/CNPAB</b> - Roberto Silva de Oliveira  <b>AEPARJ</b> - Sérgio Trabali Camargo Filho  <b>AEE/RC</b> - Marlene Aparecida da Silva  <b>AEE/GL</b> - Cláudio Nápolis Costa  <b>AEE/CNPMS</b> - Anízio Ferreira Gomes  <b>AEE/CTAA</b> - David Regis de Oliveira  <b>AEE/São Carlos</b> - César Antônio Cordeiro  <b>AEE/SM</b> - Maurício Gomes de Souza  <b>AEE/SNLCS</b> - Wilson Sant'Anna de Araújo  <b>AEE/CNPTIA</b> - Suzilei F. de A. G. Carneiro  <b>AEE/CNPMF</b> - Perinto Luiz Pimentel Calafange  <b>AEE/CNPA</b> - Wilton Guedes Magalhães  <b>AEE/Parnaíba</b> - Maria Alice V. V. de Albuquerque  <b>AEE/CNPC</b> - Edilson Mendes de Almeida  <b>AEE/Cajú</b> - Vanderléia Bezerra de Oliveira  <b>AEE/Sergipe</b> - José Ailton dos Santos</p>	<p><b>AESA</b> - Paulo César Farias Gomes  <b>AEE/RN</b> - Emídio Costa de Araújo  <b>AEE/Teresina</b> - Ivo de Sousa Pinto  <b>AEE/Acre</b> - Francisco Roberto Vieira Sampaio  <b>AEE/RR</b> - Haron Abraham Magalhães Xaud  <b>AEE/CPAF-RO</b> - Rogério Sebastião C. da Costa  <b>AEE/Amapá</b> - Claudeci Fernandes Trindade  <b>AEE/Amazonas</b> - Rosângela dos Reis Guimarães  <b>AEE/Pará</b> - Isanira Coutinho Vaz Pereira  <b>AEE/BG</b> - Gláucia Maria Savoldi Moy  <b>AEE/Florestal</b> - Youssef Antônio Mazlum  <b>AEE/Pelotas</b> - Flávio Gilberto Herter  <b>AEE/Bagé</b> - Ana Adelaide Jardim Barcelos  <b>AEE/CNPSA</b> - Nádia Solange Schmidt  <b>AEE/CNPSO</b> - Rubens José Campo  <b>AEE/PF</b> - Raul Alves dos Santos  <b>AEE/Transferência de Tecnologia</b> - Ponta Grossa - José Carlos Monken Menon</p>	<p>FAEE - Federação das Associações dos Empregados da Embrapa  Sede: Edifício FAEE - SHCG/Norte 714/715 Bloco "B"  Loja 12 / Parte Sobreloja - Asa Norte - Brasília - DF  CEP: 70760-780  Fone: (0xx61) 347-3590  Fax: (0xx61) 273-7150  E-mail: faee@solar.com.br  Homepage: www.fae.org.br  Jornalista Responsável: Lineu Marcos Gobeth  MTb 376/PB - E-mail: lineu@sede.embrapa.br  Fotos: AEEs  Jornal da Federação é uma publicação da FAEE.  Artigos assinados são de responsabilidade dos autores, não significando concordância da publicação ou da entidade com o seu conteúdo.  Composição e Revisão: Nicola Radica  Diagramação e Montagem: Hilton Pereira Sant'Ana  Fotolito e Impressão: Plano Piloto Serviços Editoriais  Tiragem: 12 mil exemplares</p>
---	--	---	--

# Os outros escravos

Meu avô, ou “nono” para os italianos e descendentes, chegou ao Brasil, com a família, no início do século passado, compondo uma das levas de emigrantes que mudaram a história deste País. Veio de Ortona Amare, sul da Itália, na busca de melhores condições de vida e da utopia da felicidade.

O percurso da Itália ao Brasil foi em barco a vapor, e o combustível utilizado era o carvão vegetal, estocado em quantidade para a longa travessia. Foram quase três meses de viagem até chegar ao Porto de Santos, São Paulo, onde foram leiloados aos fazendeiros de café do interior paulista, nas mesmas dependências portuárias até então utilizadas para a comercialização dos primeiros escravos, os negros, que saíram da peia para o legado da exclusão social que ainda perdura e envergonha a Nação.

Parte do grupo não desembarcou. Seguiu para o Rio Grande do Sul, quem sabe Uruguai ou Argentina, à livre escolha do emigrante. Essa parte da família nunca mais foi localizada, a despeito das facilidades oferecidas pelos modernos recursos da internet. O meu “nono” e a sua prole, seguidos de outras famílias, foram arrematados por um dos barões do café de São Manuel, interior paulista, ascendente de famoso governador do Estado.

As mesmas habitações, deixadas pelos negros libertos, aos quais vieram substituir, foram ocupadas por esses emigrantes visionários, que deram cumprimento à triste sina de trabalhar de sol a sol em troca da comida, pois a remuneração recebida pelo grupo familiar mal dava para pagá-la. Viviam sob o guante dos mesmos fatores que “orientavam” a mão-de-obra africana legada a triste abandono, com a abolição da escravatura. Com o seu fim, outra servidão foi instituída, e pelo cenário que se apresenta, continuará por

muito tempo sob novas formas de exploração humana.

Muitos voltaram à Itália. Não suportaram o sofrimento e a escassez do mínimo necessário à sobrevivência. Concluíram que “saíram do espeto para cair na brasa”. Foi uma grande decepção. O meu “nono” ficou. Não tinha como voltar. A sorte estava lançada e o destino selado para sempre.

A jornada de trabalho nas ruas de café começava e terminava na hora em que o sino tocava na sede da fazenda. Ainda escuro partiam para o trabalho e não voltavam antes do pôr-do-sol. A trégua era aos domingos, de manhã, reservado obrigatoriamente à missa. À tarde, espalhavam e remexiam o café colhido para secagem no terreiro da sede, o que era tido à conta de diversão pelo patrão, por ser uma atividade coletiva, mais leve, e que permitia a reunião dos cativos denominados “colonos” para troca de amenidades e, como sempre ocorria, falar de um sentimento comum: saudade da Itália distante.

Quando alguém adoecia, cabia ao feitor, com a autoridade do seu saber, avaliar se o paciente tinha ou não condição de trabalhar. Meu “nono” relatou esses acontecimentos em detalhes, nos seus últimos anos de vida. Disse também que os patrões tinham poder de vida e de morte sobre os emigrante, que eram profundamente discriminados nos meios sociais de então.

*La libertà un diorno arrivera.* A liberdade um dia chegará. Dizia meu “nono” à família naquele angustiante trabalho forçado que parecia não ter fim. Cansado da exploração, abandonou os cafezais e foi trabalhar na construção da estrada de ferro sorocabana, de onde amealhou recursos financeiros, vintém por vintém, que lhe permitiram adquirir alguns alqueires de terra no

noroeste paulista. Surgia a libertação. De lá, se foi com a família para uma grande extensão de terra no Vale do Rio São Lourenço, interior de Mato Grosso, porta do Pantanal, cantinho da felicidade.

O primitivo passaporte, a navalha de barbear e algumas fotos quase apagadas pelo tempo, são as lembranças materiais que o meu “nono” deixou. Nas fotografias ele aparece tocando fole “sanfona”, de semblante alegre, a expressar sua característica satisfação com a vida. A tarantela, música e ritmo peculiares, era a preferida da italianada, que sempre arrumava motivos para, nos fins-de-semana, arregimentar um bailão na colônia, que funcionava à conta de

descompressão psicológica coletiva. Eram falantes e não economizavam no tom de voz. Festeiros por herança cultural e emotivos por natureza. A alegria tinha estreita ligação com a tristeza, pois com a mesma espontaneidade com que sorriam, choravam também. O que sobressaía era o fato de serem partidários incondicionais da felicidade.

Agora somos nós a dizer, meu “nono” de saudosa lembrança: *La libertà un diorno arrivera.* A liberdade um dia chegará para nós também. Não é mais o anseio de um simples grupo de estrangeiros explorados em terra distante. Já não cogitamos da servidão nos cafezais paulistas de triste e vergonhosa memória. Agora é o lamento de todo um povo, em quantidade infinitamente maior. É o clamor de uma imensa nação composta de emigrantes de todos os quadrantes do mundo, que misturaram seu sangue com o dos filhos da terra, resultando numa raça diferente, pacífica, fraterna, acolhedora e distinguidamente bela, porque é o resultado do amor de todos que se juntou.

A escravidão continua, sob novas formas de manifestação. É ainda mais perversa porque envolve nossas almas, zomba da nossa inteligência e suplanta nossos sonhos. Vivemos a exploração econômica, política e moral sem que a maioria do nosso povo se aperceba da sua abrangência e dos seus efeitos devastadores.

Na sua época, meu avô, os ingleses dominavam a situação por aqui. Agora são os ianques que dão as cartas. Os senhorios ou patrões que sempre os representaram são os mesmos, embora com novas roupagens e com novos métodos de dominação. Saíram dos cafezais há muito tempo. Estão no topo dos conglomerados bancários e das empresas multinacionais. Seus fatores evoluíram de forma inacreditável, e como se multiplicaram! Atualmente somos nós que os escolhemos, desde que os patrões concordem com os nomes. Outra coisa interessante aconteceu com a ideologia, que não tem o mesmo sentido da sua época. Foi substituída pela busca do poder a qualquer custo, e de permeio vale a traição, a corrupção e outras mazelas humanas para lograr o objetivo. A atividade política também mudou radicalmente. É uma ação essencialmente mercantil, sem que haja até mesmo a preocupação do melhor preço na transação. Tudo se vende e tudo se compra na bacia das almas da política partidária, o que é acobertado por uma propositada e gigantesca massa de desinformação, que impede a maioria de ver.

*La libertà un diorno arrivera.* A liberdade um dia chegará. Nós, os outros escravos, cedo ou tarde seremos livres também. É uma questão de tempo. Mas sabemos que ela só virá com a alforria da conscientização.

**Nicola Radica**  
Diretor da FAEF

# Diretoria da Embrapa cumpre a promessa.

Agora é p'ra valer. A construção do Ginásio de Esportes da Sede já começou.



Edil Manke  
Chefe do DRM

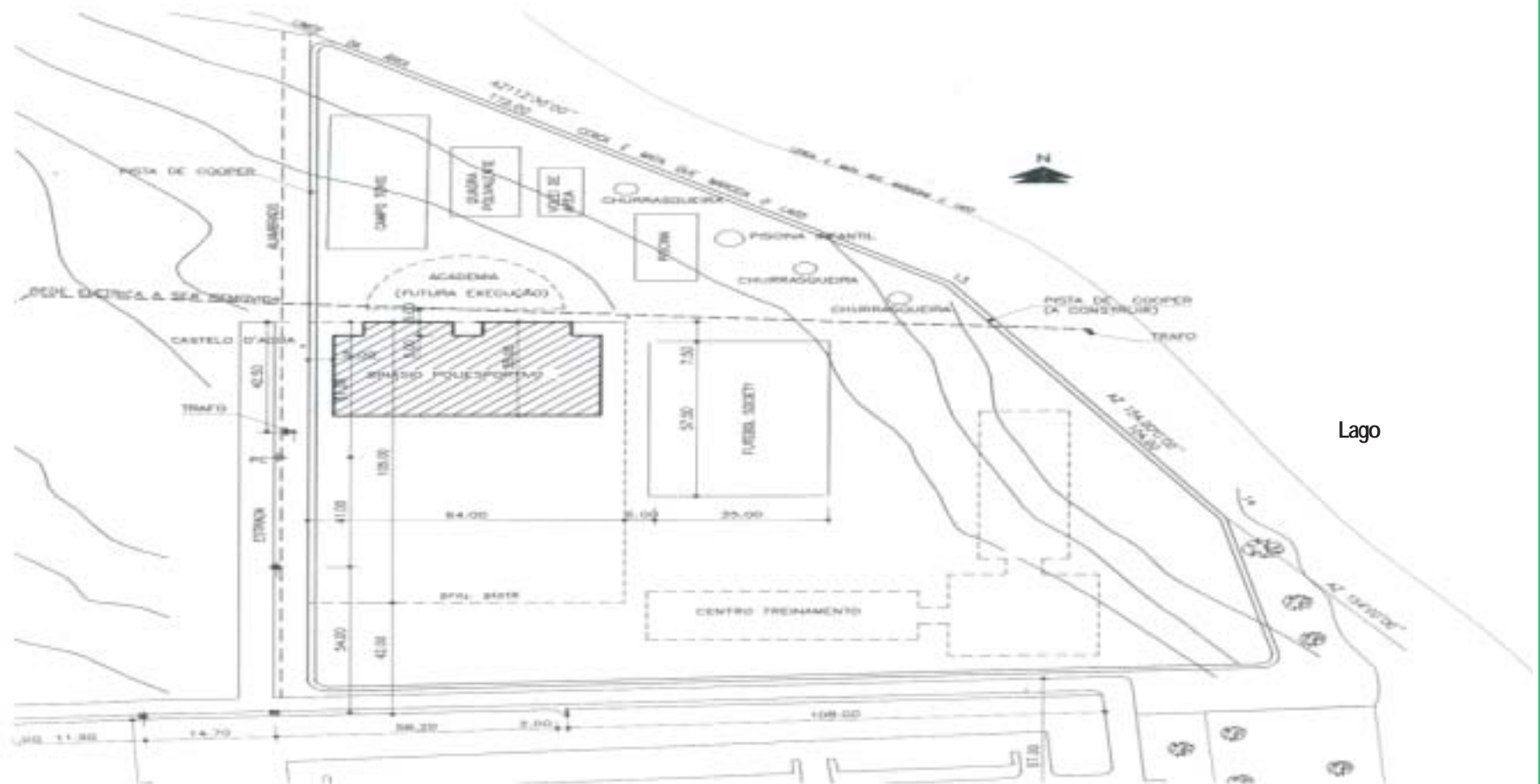
As obras do Ginásio de Esportes da Embrapa Sede começaram em junho. Fica abaixo do prédio principal da sede e terá 1.890 m<sup>2</sup> de área coberta. Além do próprio ginásio, neste primeiro momento será construída uma pista de atletismo com 800 m, assim como toda a instalação de água, esgoto e energia elétrica.

Segundo o chefe do DRM, Edil Manke, o projeto foi negociado com o Ministério do Esporte e Turismo, e está aprovado pela Caixa Econômica Federal, que já alocou os recursos financeiros correspondentes. A duração da obra será de 5 meses. O presidente Alberto Portugal não mediu esforços institucionais e pessoais para a consecução desse objetivo, para o qual contou com estreita

colaboração do assessor parlamentar da Empresa Miguel José Afonso Neto. Merece especial destaque a postura do ex-ministro do Esporte e Turismo, Carlos Melles, que foi sensível ao pleito, compreendendo o alcance social do projeto. A Coordenadoria de Engenharia da Embrapa também deu sua inestimável parcela de contribuição, ao elaborar o projeto e atender com competência e presteza as exigências técnicas da CEF.

O projeto global é ambicioso. Constitui-se ainda de centro de treinamento, academia de esportes, quadra de areia, piscina, bares, etc., cuja construção ficará para um segundo momento.

"As grandes empresas estão investindo no bem-estar dos empregados de forma mais abrangente, trazendo as condições de esporte e lazer para o local de trabalho. A Embrapa, nesse contexto, não poderia fugir à regra", esclarece Edil Manke. Outro aspecto interessante é que a utilização não estará restrita aos empregados da Embrapa. "Não será um clube fechado dos empregados da Embrapa. As portas estarão abertas para os familiares dos empregados e para a comunidade circunvizinha à sede, que também terá acesso", arremata Edil Manke, sem esconder seu entusiasmo por mais essa conquista da família embrapiana.





## José Carlos Fazza: “A Embrapa está consolidada, e suas realizações são maiores que o próprio nome”.

José Carlos Fazza, técnico de nível superior, graduado em contabilidade, 50 anos, casado com a senhora Mariluce Dias Fazza, dois filhos: Ricardo,



25 anos, e Kátia, 22 anos. Natural de Juiz de Fora, MG, foi admitido na Embrapa Gado de Leite em 2 de outubro de 1975, como auxiliar administrativo, para exercer atividades no SPM (Almoxarifado), onde ficou até fevereiro/1997. A partir de março/1997, mudou-se para o SRH, para exercer as atividades de movimentação e registro/pagamento e recolhimento, e lá continua,

tendo sido, entre 1979 e 1990, seu supervisor.

É o Fazza, simplesmente. A maioria dos colegas de trabalho não sabe seu prenome. É o tipo de pessoa de quem todos gostam, razão de ser benquisto na Embrapa e fora dela pela sua postura como empregado, pai e cidadão. “Trato as pessoas de maneira respeitosa e

com a máxima atenção. Na Embrapa, por exemplo, não faço distinção de pessoas pelos cargos que ocupam”, esclarece Fazza, com sua maneira peculiar de ser. “Quando surge alguma contrariedade, procuro esclarecer as coisas o mais rápido possível. Não me acanho em pedir desculpas, mesmo quando fui o ofendido. Aprendi que a gente deve aceitar as pessoas como elas são”, ensina com sabedoria.

Fazza considera os colegas de trabalho como sua segunda família. “Convivo com o pessoal da Embrapa como uma segunda família, pois a convivência é muito grande devido passarmos a maior parte do dia na Empresa. Gosto do ambiente de trabalho e desenvolvo minhas atividades com dedicação e alegria”, destaca.

Com relação à situação do País, na atualidade, tem o seguinte conceito: “Acho que tem muita coisa para melhorar. O desemprego está muito alto, a saúde e a educação pública estão verdadeiros caos, e a segurança pública, realmente um caso de polícia. Outro fato negativo é a expansão da violência, que já extrapolou os grandes centros”, enfatiza. Fazza não foge à regra da maioria da população na avaliação dos políticos. “Os políticos não estão com nada, salvo raras exceções. O povo

tem que valorizar o voto, porque a coisa está danada. Raros políticos trabalham honestamente. A maioria quer se locupletar”, desabafa. Diz que o seu esporte preferido é a caminhada, que faz diariamente. Torce pelo Botafogo do Rio de Janeiro, mas o time do coração é o Tupy, de Juiz de Fora. Quando o assunto é a nossa Embrapa, ele já tem conceito formado: “A Embrapa está cada vez mais conhecida de todos os estratos sociais. Sinto que ela foi consideravelmente popularizada pela sua atual diretoria. A Embrapa está consolidada, e suas realizações são maiores que o próprio nome”, arremata esse embrapiano do Sudeste que, com suas atitudes, é um exemplo de vida.

## II Embrapa Brasil

Continua o processo de organização do II Embrapa Brasil, a realizar-se em Salvador, Ba, de 15 a 20 de setembro próximo.

As comissões regionais já se reuniram e estão em plena atividade. A FAEE, por sua vez, assinou contrato com o SESC - Salvador, e com a EBDA para garantir os alojamentos. Ultimou os processos de alugueis de ônibus, assim como está concluindo as demais ações relacionadas a infra-estrutura do evento.

# O efeito estufa e o Brasil

O efeito estufa é a mais séria ameaça ecológica à população humana e causador, na atualidade, das maiores catástrofes climáticas atingindo mais de 126 milhões de pessoas durante o ano de 1998, segundo relatório da Cruz Vermelha Internacional, divulgado a 24 de junho de 1999, em Bruxelas. Foram registrados 311 desastres naturais, em 1998, contra 179 em 1997. Morreram em 1998, 59.261 pessoas vítimas desses desastres das quais 96 % em países pobres. Em 1998, os desastres naturais levaram 25 milhões de pessoas a migrar, mais do que as guerras e os conflitos, diz o documento. "A mudança climática já não é uma profecia apocalíptica mas uma realidade – disse Astrid Heiberg, presidente da Federação Internacional das Sociedades Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho.

As causas do efeito estufa são conhecidas e foram objeto de discussões por ocasião da Conferência Internacional Rio 92, e recomendação para que todos os países reduzissem a emissão de gases, principalmente o CO<sup>2</sup> originário de fósseis: carvão, gás e petróleo, que são os principais responsáveis por sua emissão. Tomando-se como base o CO<sup>2</sup> identifica-se os principais países responsáveis pelo efeito estufa.

Os países mais responsáveis pelas catástrofes climáticas têm se recusado a cumprir as recomendações da RIO 92, e por em execução o Protocolo de Kyoto, para redução das emissões de gases e riscos do efeito estufa, porque eles agem de acordo com a política : tudo fazer para não prejudicar o meio ambiente desde que não afete o seu desenvolvimento sócio-econômico e o padrão de vida de suas populações.

Não é a agricultura, nem a

substituição de florestas nativas pouco produtivas por florestas cultivadas ou por culturas arbustivas como o café, o dendê, o cacau, as laranjeiras e outras frutas cítricas, além das formadoras de grandes biomassa como a cana de açúcar que são responsáveis pelo grande aumento do efeito estufa.

Para se entender a importância do consumo dos combustíveis fósseis no efeito estufa é preciso saber que a natureza estava em equilíbrio quanto a temperatura do globo terrestre ou a sua alteração era muito lenta. O

**Quadro 1. Emissões de CO<sup>2</sup> "per capita", em t/m, por ano e por país.**

Estados Unidos	19,1	Suécia	8,8
Canadá	14,4	Japão	8,8
Alemanha	10,9	França	6,3
Grã Bretanha	9,8	BRASIL	1,4

Fonte: Atlas do Banco Mundial 1997, 26-27.

CO<sup>2</sup> produzido pelo uso do homem dos recursos naturais era muito pequeno porque grande parte dele era recuperado pela vegetação. A substituição de floresta nativa por renovação natural ou plantada fixava CO<sup>2</sup> em quantidade igual, ou as vezes maior do que a resultante de sua queima, isto porque a vegetação em crescimento fixa mais CO<sup>2</sup> do que a estática. A sua substituição pela agricultura e por pastagens também não significa grande perda de CO<sup>2</sup> para a atmosfera, porque essas plantas fixam muito CO<sup>2</sup> por seu crescimento rápido e por serem consumidas pelo homem e animais. O mesmo não acontece com os combustíveis fósseis que estavam sepultados no solo e são liberados para a atmosfera. A emissão de CO<sup>2</sup> entre 1960 e 1995, cresceu, de menos de 10 bilhões de toneladas por ano para mais de 23 bilhões, por causa dos combustíveis fósseis, segundo a WWF (Living Planet Report. 1998).

Os países ricos não estão dispostos a reduzir a produção dos

gases resultantes do uso de combustíveis fósseis e por isso atuam junto aos outros 80 % da população, principalmente, as que vivem nos trópicos para que mantenham as suas florestas nativas, para que elas armazenem o bióxido de carbono (CO<sup>2</sup>) o maior responsável pelo efeito estufa.

A sua ação nesse sentido é feita por vários meios, sendo o mais utilizado, pelo seu baixo custo, é convencer às populações dos países pobres que vivem nos trópicos, a reuinciar ao uso de seus recursos naturais e para isso, já que

a maior parte de seus territórios ainda não utilizados, serem cobertos por florestas, mante-las é o seu principal objetivo. Condenam a sua substituição por florestas plantadas que são mais eficientes que as nativas, porque estas iriam fazer concorrência aos seus produtos florestais, entre eles, à celulose, com que fazem o papel e as embalagens para seus produtos industriais e, à agricultura, pela mesma razão, porque eles dominam os mercados internacionais.

O convencimento da opinião pública é feita por uma intensa ação junto à mídia, com o pretexto de preservar o meio ambiente, e que se caracteriza por manter todas as formas de vida selvagem, mesmo que isso impeça aos povos dessas regiões, as ocuparem e terem um padrão de vida semelhante ao deles. Propõem que as populações as utilizem apenas de forma que chamam de "sustentável" isto é, um extrativismo que só "sustenta" uma pequena densidade de população, em nível de pobreza.

É difícil entender que a população culta do Brasil, em virtude da propaganda intensa e bem feita, promovida pelas ONGs internacionais como a Wild World Fund (WWF) e Greenpeace, para só citar as mais conhecidas, seja tão ingênua, aceitando renunciar ao desenvolvimento da população brasileira em número, e em riqueza, concordando em manter mais de 40 milhões na pobreza. Como exemplo podemos citar que o atual Código Florestal impede o uso econômico de 50,2 % do território nacional. (Fonte: Silva, A. R. da, 2000) e os ambientalistas atuam intensamente para dificultar por vários meios, inclusive com ações judiciais, a utilização e construção de rodovias, ferrovias, hidrelétricas, mineração e a ocupação pela população dessa enorme área. Querem um Brasil 50 % menor e uma pequena população nessa imensa área, igual ao território de 18 países da Europa, onde vivem 417 milhões com um alto padrão de vida.

Prevalecendo, o não uso de nossos recursos naturais, qual será o padrão de vida da população da Amazônia Legal e a do Centro Oeste? Ela crescerá ou os seus habitantes terão que se mudar para os grandes centros? Não são apenas os habitantes dessas regiões que ficam pobres com essa renúncia ao desenvolvimento. Todo o Brasil sofre, porque tem um PIB por pessoa de apenas US\$ 4.360,00 enquanto que os países, pelos quais estão se sacrificando, têm um PIB superior a US\$ 20.000. É justo os pobres se sacrificarem, renunciando ao seu desenvolvimento, para favorecer os ricos?

**Ady Raul da Silva**  
Pesquisador da Embrapa  
aposentado

Engenheiro agrônomo. Membro  
Titular da Academia Brasileira de  
Ciências. E-mail adyr@solar.com.br

# Cantinho da Poesia e da Música

## O Conto da Barragem

### A beber licores

Se tivesses me chamado para ouvir o som do vento,  
eu navegaria na canção e ancoraria em seus braços.

Se tivesses **me buscado** para olhar estrelas,  
eu me prenderia nos seus olhos para melhor vê-las.

Se tivesses me levado a descobrir mistérios,  
eu te colocaria algemas de amor e exploraríamos sua  
essência.

Se me tivesses **feito uma jura secreta**  
eu te esconderia na alma e te seria cúmplice.

Se tivesses me convidado a beber licores  
eu adoçaria seus lábios com a minha boca  
e confessaria

Se tivesses me falado **desse amor que sente**  
**eu teria destrancado a porta**  
para que entrasses e tomasses posse  
do lugar que te pertence.

Se tivesses cantado uma doce canção  
me olhando nos olhos **eu ficaria**.

Mas nada disseste e eu saio de cena.  
Guarda minha espera como lembrança.  
Que farei do teu silencio despedida.

Meu coração selvagem segue em frente,  
sem pressa, a buscar outras fontes,  
para matar a sede que ele tem da vida.

Rachel Gueller Souza  
Embrapa Floresta

E Cum muita educação  
Um trinta promessa ele  
fez

Eu pensei - é dessa vez  
Que nois miora a nação  
Se vão incher o Chicão  
Pra nossas terra moiá  
E ainda indenizar  
O povo da redondeza  
Vai ser mesmo uma  
beleza  
Vamo todos miorar

Seu moço o tempo  
passou  
E os ome dero um  
sumisso  
Já aprontava o serviço  
E ninguém via os doutor  
O povo trabaiador  
Fizero uma reunião  
Pra pídi expricação  
Caminhamo pra cidade  
Sabê das otoridade  
Sobre aquela situação  
Mal nois tinha chegado  
Já fumo mal recebido  
Os tale ome referido  
Tavam numa sala  
trancado

Cara feia, inzambuados  
Mitidos que só o cão  
Já não tinha a educação  
Daqueles tempos atrás  
Chamaram uns três  
capataz  
E tirou nois aos impurrão

A resposta que tivemo  
Foi que podia escolhé  
Quem quisesse recebê  
Um dinheirim bem  
piqueno  
Podia ir recebendo  
Bastava umas folha  
assiná

E quem quisesse ficá  
No ramo da prantação  
La pra outra região  
Lá dos inferno pra lá

E seu moço nessa istória  
Perdi a minha terrinha  
Peguei aquela ismolinha  
E dali eu fui me imhora  
Eu e minha sinhora  
Nove fie e um irmão  
Dizendo adeus ao Chicão  
Lembrando das suas água  
Tangeno uma grande mágoa  
Desgosto, raiva e aflição

E hoje velho e cansado  
Eu trabalho no alheio  
Para uns ome vermeio  
E outros do zoi rasgado  
E quando lembro o roçado  
A lavoura, a criação  
O meu pedaço de chão  
As coisa que eu tinha ali  
Mas que o progresso do Brasi  
Roubou desse cidadão.

José Nilton Moreira  
Embrapa Semi-Árido

# O Ministério da Saúde adverte: conto canino-erótico-filosófico. Recomendado para menores de 100 anos. Lição Canina

Um senhor para sua idade canina - cerca de oito anos, que corresponde a mais ou menos cinquenta e seis anos, se ele fosse gente -, o Pop me fez presenciar alguns momentos divertidos na sua vida de cão. Um deles, quando "arranjou" uma namorada. Era uma paixão recíproca, mas com um probleminha, como convém a toda história de amor: ela era bem mais alta que ele e isso era um complicador e tanto, transformando o namoro numa verdadeira maratona. Ela, no cio, facilitava ao máximo para o Pop. Ele baixinho, não alcançava seu "objetivo" e tentava consumir o fato ali mesmo, na articulação do joelho.

Depois de lutar muito e, logicamente perder, o Pop desistiu. Procurou a sombra e o cimento frio do Bar do Jabá e deitou-se com as pernas abertas, expondo sua arma derrotada. Se eu pudesse ler seus pensamentos, imagino que ele desejava, naquele momento, um litro d'água gelada para apagar aquele fogo. Aventuras amorosas à parte, O Pop também tem histórias com

fundo filosófico, como essa que conto a seguir.

É sabido que a audição dos cães supera em muito a nossa, de ser humano. Na Copa do Mundo



Desenho:  
Paulo Euler T. Pires

de 1998, aquela que perdemos para a França, o Pop quase fica louco com tantos foguetes na hora dos jogos. Não sei se condicionado, todas as vezes que o Galvão Bueno aparecia na TV e dizia "Boa tarde amigos da Globo!", ele imediatamente procurava a segurança da casa e abrigo debaixo do sofá ou da cama. Parece que antevia a "fogueta" que estava por vir.

Passada a Copa do Mundo, o Pop ainda traumatizado, continuava se abrigando nas manhãs de domingo quando o Galvão dizia "Bom dia amigos da

Globo!", no início da transmissão de uma corrida de Fórmula 1. Após perceber que não era a mesma coisa, ele esnobava! Passeava na frente da TV e fazia uma coisa que há muito não fazia: ia para a rua passear, paquerar ou simplesmente brincar com seus amigos cães enquanto o Galvão Bueno se esforçava para colocar emoção no evento.

O Pop, que já foi levado pela carrocinha e deve estar no céu dos cachorros, na companhia de políticos, empresários, advogados e outras autoridades, deixou aí uma importante lição filosófica. Não vale a pena torcer para o Rubinho Barrichelo, principalmente depois daquela freada, ordenada pela Ferrari, facilitando a vitória do alemão, quando todos nós torcíamos pela sua vitória. O negócio agora é mudar de canal ou, como fez o Pop, passear ou fazer outra coisa que nos tire da frente da TV. Alguém lançou uma campanha interessante, que eu já assumi e espero que vocês também assumam: em protesto, pela "marmelada" que a Fórmula 1 mostrou que é, não vou mais

comprar uma Ferrari.

Fiquei sabendo que a Ferrari permitiu que o Rubinho ganhasse uma. Não me convenceu! Continuo achando que é "marmelada". Voltando ao Pop, se ele não tivesse dado bobeira com a carrocinha, ele teria testemunhado uma copa sem muitos foguetes. Também, naquele horário, só japonês! Mas foi bom. Somos PENTA! Recuperamos o nosso prestígio internacional no futebol ganhando da poderosa Alemanha na final. Foi a copa da vingança. A Argentina, nosso adversário tradicional, saiu na primeira fase junto com a França, que nos derrotou na final de 1998, sem marcar nem um golzinho. O Pop deve ter dado gargalhadas lá da sua dimensão canina.

*Colaboração:*  
**Edvalson Bezerra Silva (Mocoin)**  
Área de Comunicação Empresarial  
Embrapa Recursos Genéticos e  
Biotecnologia  
e-mail:  
mocoin@cenargen.embrapa.br

## Turma da folha de pagamento da Sede

Esta turma só é lembrada quando ocorre eventuais problemas operacionais que interfira no preparo



da folha de pagamento. Todos sabem que contratemplos ocorrem até nas folhas de pagamento das empresas da Inglaterra; e que são ocasionados, invariavelmente, pelos próprios reclamantes, como tem demonstrado a experiência por aqui.

Por outro lado, a constante normalidade no processamento, faz com que os clientes (empregados da Embrapa) nem se lembrem dessa turma, assim como muitos nem avaliam a importância do seu trabalho, que é todo embasado em diversas legislações que mudam

constantemente.

Existe um lugar muito importante na nossa casa, que muita gente se refere a ele de maneira preconceituosa. É o machismo em ação. Em sentido oposto, há quem diga que é o compartimento que se destaca entre os demais, porque é de lá que sai os alimentos e as iguarias que apeteçam todos os paladares. Quando as coisas estão funcionando regularmente, ninguém percebe o seu valor no meio familiar. Basta a ocorrência de qualquer problema que impeça o preparo dos alimentos, que

a grita é geral.

A comparação desse lugar nobre da casa com o setor que prepara a folha de pagamento, de qualquer empresa, é perfeita nesse contexto de valorização.

A maioria dos embrapianos desconhecem a luta e a dedicação dos companheiros que, na ocorrência de entrave operacional no preparo da folha, se desdobram em fins de semana, feriados e noites insones para que nossos salários estejam creditados regularmente todos os meses. Vale a reflexão.